

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (36.2): pp. 647-651, jul./dez. 2016

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

Luciana Molina Queiroz

Com sua escrita alegre e convidativa (que, como ela própria confessa, tem sua origem no prazer da escrita), Jeanne-Marie Gagnebin empresta um frescor ao panorama acadêmico que, em particular na exegese filosófica, tem como hábito o estilo hermético e empolado. *Limiar, aura e rememoração* reúne vários artigos escritos pela autora ao longo de anos, todos tendo como centro o filósofo, crítico literário, historiador – para atalhar, o polímata – Walter Benjamin.

Nesses ensaios, o rigor filológico se encontra a serviço da precisão histórica e conceitual, sem que jamais caia em mero fetichismo filológico. O trabalho de Gagnebin é, enfim, um estudo tão rigoroso quanto detalhado, tecido à maneira artesanal da experiência de quem dedicou vários anos de sua carreira ao pensamento do filósofo alemão.

É hábito da leitura benjaminiana compará-lo apenas aos autores que integraram a Escola de Frankfurt, não explorando tanto as relações entre Benjamin e autores relativamente mais distantes como – a se julgar pela exígua quantidade de trabalhos produzidos sobre seu pensamento nos últimos anos – o relativamente esquecido pela filosofia brasileira Ernst Bloch. Da mesma maneira, são insuficientemente lembradas as influências sobre seu pensamento de Kracauer e Simmel, dentre outros. A autora ameniza essas faltas. Além disso, retoma autores do pensamento clássico, como Platão, para situar as temáticas discutidas a partir de uma tradição de problemas filosóficos. Assim, Gagnebin propõe

uma compreensão de Benjamin através de constelações pouco usuais, reconectando áreas que muitas vezes parecem distintas e totalmente autônomas pela apropriação pulverizada, e por estamentos, que se tornou comum na filosofia acadêmica. Ao conectar as diversas áreas, Gagnebin propicia algo cada vez mais raro: a possibilidade de a filosofia realizar sua verdadeira vocação holística.

Ajudando a problematizar a mera militância pró-Benjamin, Gagnebin observa que “uma das dificuldades da recepção da obra de Walter Benjamin consiste na ânsia de leitores de nela encontrarem reflexões claras, críticas e engajadas, nitidamente progressistas” (GAGNEBIN, 2014, p. 131). E reconhece que é possível encontrar, sobretudo nos escritos de juventude, a influência inclusive de pensadores conservadores que seriam posteriormente apropriados pela ideologia nazista, tais como Carl Schmitt, Ludwig Klages, Carl Gustav Jung ou o próprio Nietzsche, algo omitido pela maior parte da tradição de comentadores do filósofo. Para se manter o retrato de Walter Benjamin como um autor “progressista” e atual, é comum que certas influências e aspectos mais polêmicos de sua obra sejam insuficientemente comentados. É sempre relevante lembrar que, para além daquilo que é imanente ao texto benjaminiano, esse retrato progressista também se construiu ideologicamente, pela própria tradição de comentários. Em parte, isso se deve a uma comparação recorrente. Enfatiza-se demasiadamente a crítica de Adorno à indústria cultural, tomada, por um olhar superficial, como “elitista” e “conservadora”. Sua *Teoria estética*, comprometida com as conquistas modernistas e marcada pela admiração por aquilo que havia de mais experimental em sua época, a exemplo de Beckett e Schönberg, é frequentemente ofuscada nessa equação. Benjamin, em comparação, é rapidamente exaltado como alguém que tinha uma visão mais aberta (indulgente?) em relação às formas culturais em ascensão. Essa imagem igualmente se alimenta da pouca ênfase dada às suas ressalvas em relação aos usos contrarrevolucionários da reprodutibilidade técnica exemplificados pelo cinema nazista, o que por si só seria suficiente aos olhos do bom leitor para problematizar as potencialidades desses novos meios de comunicação. A construção ideológica do Benjamin progressista acaba por blindar o filósofo a críticas e, como efeito colateral, observamos o esmorecimento da dialética.

Apesar de muitas vezes nadar contra a maré do senso comum sobre o filósofo, Gagnebin parece corroborar essa leitura que se tornou habitual entre os estudiosos de Teoria Crítica:

Temo não conseguir ir muito além da oposição, que já se tornou um clichê, entre um Walter Benjamin otimista, que se esforçaria em ser materialista e em pensar as artes de massa como o cinema e arquitetura enquanto possibilidades de emancipação, e um Adorno pessimista, que sempre denuncia a força avassaladora da indústria cultural na pretensa cultura de massa e defende tenazmente uma arte autônoma [...] (GAGNEBIN, 2014, p. 99).

Tal como o clichê de um filme da indústria cultural, um é descrito como o bom policial e o outro como o mau policial envolvidos na investigação da cultura moderna. O problema é que esse retrato de Benjamin como uma espécie de apologista da reprodutibilidade técnica tem servido a fins em geral pouco críticos. Tendo isso em vista, um dos pontos altos do livro de Gagnebin é justamente reconhecer, no início de “Atenção e dispersão: elementos para uma discussão sobre arte contemporânea a partir de Adorno e Benjamin”, que essa leitura já se tornou um clichê. Mesmo que ela admita não se desvencilhar totalmente dele, pelo menos é capaz de alertar aos estudiosos que esse vício interpretativo existe. Essa autoconsciência talvez possa ajudar a calibrar os estudos de ambos. Adornianos e benjaminianos têm muito a aprender uns com os outros. Os adornianos provavelmente precisam de mais otimismo para que encontrem novas soluções. Os benjaminianos, por sua vez, precisam recuperar o pessimismo, pois é isso que torna o pensamento rebelde e inconformado com a realidade.

Esse esquema interpretativo de ambos não raro se justapõe a outro. Habitou-se a conceber o pensamento de Adorno e Horkheimer (em particular do primeiro) como originado em Benjamin. Em consonância com esse diagnóstico, a autora identifica a origem da crítica à razão da *Dialética do Esclarecimento* nos escritos de juventude de Benjamin, assim como outros já apontaram que temáticas da *Teoria estética* e da *Dialética negativa* de Adorno se encontravam aqui e acolá na obra de Benjamin. A influência que Walter Benjamin exerceu junto a essa geração de filósofos da Escola de Frankfurt é inegável, e muitas vezes Adorno demonstrou grande admiração e deferência pelo amigo. O afeto é evidente na correspondência entre ambos, e contrasta drasticamente com a frequente rivalidade entre benjaminianos e adornianos na universidade. Não desejam construir algo em conjunto, mas antes em oposição. Muitas vezes, se perdem repetindo polêmicas *ad nauseam*. Energia e conhecimento que poderiam ocasionalmente ser empregados para examinar com criticidade outros tópicos (e também para criticar modos drasticamente diferentes de interpretar a realidade) acabam

se esgotando nesse exercício próximo do narcisismo das pequenas diferenças. Uma das consequências disso é, curiosamente, a tendência a superestimar a influência de Benjamin sobre Adorno. A tentativa de traçar a origem do pensamento adorniano nos escritos de Benjamin se torna frequentemente um exagero. Por essa perspectiva, aquilo que se fez fartamente na História da Filosofia, isto é, reinventar conceitos, é visto como algo quase condenável. Adorno é tomado como um eterno devedor ou mesmo um parasita do pensamento benjaminiano, não possuindo ele próprio originalidade de pensamento. Nesse sentido, os acertos de Adorno teriam sua gênese no pensamento de Walter Benjamin. O que é próprio de Adorno (e que, portanto, consiste em uma diferença e um confronto em relação a seu colega) é sempre inferior ao que defendeu Benjamin.

A obra de Benjamin é sempre leitura tão prazerosa quanto desafiadora para o intérprete tendo em vista justamente a justaposição de influências intelectuais inusitadas, a exemplo de Nietzsche, do marxismo e do messianismo judaico. Talvez também por isso ele se preste a várias apropriações, muitas distintas entre si. O perfil eclético de leituras e usos (verdadeiramente *usos*, tendo em vista que tomam sua filosofia para advogar causas diversas) também acaba por contribuir com a grande popularidade do filósofo nas faculdades de humanidades. Mas essa popularidade também parece indicar que uma perigosa instrumentalização de seu pensamento se encontra em curso. Há leitores de Walter Benjamin capazes de varrer até seu marxismo para debaixo do tapete. Dessa forma, perdem-se de vista aspectos fundamentais de seu pensamento. Contra isso, a autora retoma a crítica benjaminiana de *Teses sobre história* para nos alertar dos perigos de transformar o próprio Walter Benjamin em um típico “bem cultural”, perfeitamente reconciliado com uma visão acrítica da cultura: “Como não transformar Benjamin em mais uma mercadoria cultural, ‘cheia de *glamour*’? Como não fazer de seus livros novos fetiches de um certo liberalismo de esquerda [...]?” (GAGNEBIN, 2014, p. 199).

Tal alerta não deve ser encarado como um simples apelo retórico, tendo em vista o modo como o filósofo tem sido efetivamente estudado nos últimos anos. O Benjamin que consta nas ementas das disciplinas de humanidades e que é tema de dissertações e teses todos os anos, admirado pelo seu estilo agradável, pelo reconhecimento vanguardista da dignidade artística do cinema e da fotografia, é muitas vezes lembrado apenas pelo

seu lado afirmativo e não tanto pela sua capacidade de contribuir para “escovar a história a contrapelo”. Essa expressão, aliás, é sempre evocada, mas muitas vezes como uma frase de efeito, um lema abstrato, sem que haja efetiva tentativa de impulsionar os curtos-circuitos entre passado e presente que eram caros a ele. Essa postura nos alerta que, apesar de sua inegável popularidade, Benjamin tende a se tornar um pensador inócuo. É preciso resgatá-lo desse limbo em que talvez ele tenha caído devido à sua própria condição canônica para que volte a ser um autor perigoso. Para tanto, o pessimismo crítico do filósofo também deve aflorar. Não é possível vê-lo apenas como o integrante otimista da Escola de Frankfurt, evocado toda vez que alguém deseja tecer loas ao presente e ao *status quo*.

Um dos antídotos para impedir que suas obras se tornem apenas bens culturais possivelmente se encontra no tipo de estudo a que Gagnebin se propõe. É preciso reconhecer e admirar a combinação do rigor investigativo da autora, sempre cuidadosa em prover uma contextualização histórica adequada, com comentários críticos acerca da atual universidade, do produtivismo acadêmico, da tecnologia, das Ditaduras na América Latina etc. Com o fito de manter a escrita benjaminiana verdadeiramente viva, mostra sua necessidade para o presente sem obliterar as preocupações históricas e materiais que fecundaram o pensamento do filósofo frankfurtiano.